

# Infravermelho

## *Nancy Huston*

Traduzido do francês por  
Luísa Feijó

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



No banco corrido vermelho do café, Rena debruça-se cada vez mais para a direita, descaindo suavemente, insensivelmente, contra o corpo repleto e maternal de Ingrid. A noite foi branca, totalmente branca. Ingrid põe-lhe um braço em volta, e, na luz incerta da manhãzinha, não seria fácil dizer quem, neste duo feminino, se agarra a quem.

Apesar de ter os olhos fechados Rena não está a dormir, pelo contrário, capta os cheiros a lixívia e a espuma de leite, sente a aspereza do tabaco no fundo da garganta, acha macio o contacto da camisa de Ingrid de encontro à sua cara e infinitamente tranquilizadores os ruídos do café: tilintar das colheres, portas que abrem e fecham, vozes sobretudo, variadas e sobrepostas, homens de negócios com pressa de tomar o seu *ristretto* antes de partirem para Roma, bêbado que pede a primeira cerveja do dia, anúncio pelo alto-falante das partidas ou das chegadas dos comboios, conversas entre as empregadas. Inclino-me, por isso existo, diz Rena para com os seus botões, não, inclino-me para a direita, por isso estou em Itália, em itálicos, todas as minhas inclinações são em itálico, elas gritam, insistem, repetem-se, vociferam, acusam-me, *tu, a película ultrassensível, como é possível, como? Não viste nada, não adivinhaste nada, nada sentiste, nada percebeste, nada detetaste?* Não, porque isso não, não, o seio sim, a pele sim o estômago sim os brônquios sim o mediastino sim desde 1936 a fotografia a infravermelho é reconhecida pela sua extrema utilidade nesses domínios, mas isto não, isto precisamente não, não em absoluto.

## Cenci

«Ah. É você a última Greenblatt! – diz-lhe, resmungão, em italiano, sem olhar para ela, fixando antes com ar agastado a fotografia do passaporte dela, o homem da recepção do hotel Guelfa. Os seus pais chegaram tarde ontem à noite, acrescenta com um ar pesado de censuras. *Muito* tarde.»

Rena não o corrige, não lhe diz que não são os pais dela, ou melhor que um deles é o outro não, não tem qualquer vontade de se chegar àquele saco de gatos, àquela caixa de Pandora, àquela jangada da Medusa, e então cala-se em italiano, sorri em italiano, abana a cabeça em italiano, ostenta com voluntarismo a serenidade a que aspira. A verdade é que teme aquele instante há longas semanas.

«Sei que é absurdo, mas sinto-me culpada antes mesmo de começar» disse ela a Aziz, há meia dúzia de horas apenas, enquanto seguiam a pouca velocidade através do nevoeiro espesso que, por uma razão misteriosa, parece envolver em qualquer estação e a qualquer hora o aeroporto de Roissy-Charles de Gaulle. «Eh! Ela está a exagerar! – gozou-a Aziz, ao mesmo tempo que lhe afagava a coxa esquerda. – Está a oferecer-se oito dias de férias na Toscana e ainda por cima quer que tenham pena dela!»

De pé, junto ao automóvel parado no estacionamento rápido do aeroporto, ela beijou demoradamente o seu homem. «Adeus, amor... Falamo-nos todos os dias, sim? – Claro.» Aziz abraçou-a e apertou-a com toda a força. Depois, afastando-se dela para a ver melhor: «É verdade que estás toda num alvoroço esta manhã, mas não me preocupo. Estás armada, hás de sobreviver.»

Conhece-a bem, Aziz. Sabe que ela previu manter Simon e Ingrid à distância, de apontar para eles, focá-los, enquadrá-los, metralhá-los, com a sua Canon. «Vá, vais sobreviver» – repetiu ele entrando para o carro. Ela debruçou-se para se afogar mais uma vez no olhar dele, sombrio, e à guisa de adeus, passou-lhe lentamente o indicador pelo lábio inferior.

Tinham feito amor naquela manhã antes de o despertador tocar e ela tinha querido que ele se viesse na cara dela, era tão forte o momento em que, segurando-lhe no sexo entre as mãos, sentia de súbito a semente atravessar e depois jorrar, creme de juventude morno e maravilhoso, tinha-o espalhado pela cara, pelo pescoço, pelos seios, tinha-o sentido secar e arrefecer; ao lavar-se naquela manhã tinha querido conservar fino e transparente na base do pescoço um bocadinho daquele vestígio invisível do amante: máscara ligeira para a proteger, a ajudar a afrontar a provação...

O homem entrega-lhe uma chave e informa-a, sempre resmungão e em italiano, que o quarto, o número 25, fica no segundo andar, ao fundo do corredor.

O que ele não lhe diz é que o quarto é na realidade a *mesma coisa* que o corredor: contentaram-se em pôr-lhe uma porta e instalar num canto uma minúscula cabina de chuveiro. A primeira vista de olhos dá-lhe a perceber que não pode deixar nada no lavatório porque o lavatório tomará um chuveiro ao mesmo tempo que ela. Comprido quarto estreito e até mesmo estreito e basta... mas cuja janela dá para um jardimzinho encantador: flores, vinha virgem nos muros, vista sobre

telhados de telhas vermelhas. Ah, estás a ver?, diz ela muito baixinho a Subra, a Amiga especial que a acompanha por toda a parte. Não deixa de ser Florença, e há coisas boas!

E, vamos lá a ver, por que havias tu de te sentir culpada? diz-lhe Subra. Tu não és a Beatrice Cenci, que eu saiba.

Isso é verdade, concorda Rena. Primeiro não nasci numa família aristocrática em Roma no século XVI. Depois não tenho vinte e um anos. O meu pai de quarenta e cinco anos não me fechou no seu *Palazzo* dos Abruzos com a sua segunda esposa Lucrezia, para nos humilhar e nos brutalizar. Não tentou violar-me. Não planeei o seu assassinio com a ajuda do meu irmão e da minha madrasta. Não contratei assassinos profissionais para que espetem a golpes de maço um prego grosso no seu olho direito e assisti em pessoa à coisa. Não atirei, depois, o cadáver pela falésia abaixo. Não fui presa, interrogada e condenada à morte. Não me cortaram a cabeça em 1599 no Castel Sant'Angelo sobre o Tibre. Não, não, nada a ver: estou em Florença, não em Roma, a minha madrasta ama o meu pai, sou eu quem tem quarenta e cinco anos, a cabeça em cima dos ombros... e toda a gente está inocente!

Subra ri, irónica.

Percorrendo o corredor até ao quarto 23, Rena arranha a porta, como um gato. Longa pausa. Porquê tão aterrorizada? Há coisas boas. Ofereço-lhes com toda a simplicidade esta viagem, a eles que nunca puseram o pé em Itália, para festejar os setenta anos do meu paizinho.

## Sacco di Firenze

Simon tem um ar ainda menos disposto a festejos do que é costume; quanto a Ingrid, esta tem a cara inchada, os olhos vermelhos de lágrimas.

Passa do meio-dia, mas o casal acaba de se levantar. É que escaparam por um triz a uma tragédia, ontem à noite: Ingrid conta-lhe com todos os pormenores enquanto tomam o pequeno-almoço. Chegaram de Roterdão com atraso, à uma hora da manhã, depois de viajarem o dia inteiro num comboio cheio até aos bordos de *ragazzi* barulhentos e agitados. Exaustos ao sair do comboio, tinham tentado encontrar-se nesta cidade desconhecida, neste país desconhecido, nesta língua desconhecida. Errância dolorosa em torno da estação de Santa Maria Novella, atafalhados de bagagem, sete peças, algumas com rodinhas, outras penduradas aos ombros ou nas costas. Desorientados, tinham-se perdido e feito um imenso desvio, passando em frente a maravilhas e detestando-as por não serem o Hotel Guelfa. (Santa Maria Novella, não a estação, mas a igreja, decorada por Domenico Ghirlandaio, o mestre de Miguel-Ângelo em pessoa! Ali, debaixo dos seus olhos, na suave noite florentina!). Sem forças, pararam num cruzamento para recuperar o ânimo e o ar, estudar o plano à luz de um candeeiro. Chegados finalmente ofegantes ao quarto depois da espera em frente à porta, do diálogo com o rececionista mal encarado, e da ascensão das escadas (três lanços bem a pique), Ingrid contou maquinalmente a bagagem e... seis, em vez de sete. Recomeçou a contagem: seis, sem sombra de dúvida. Síncope. O saco que faltava, apesar de ser o mais pequeno, era o mais importante: continha os passaportes, os bilhetes de avião, o dinheiro... Então Simon – exausto, estafado, septuagenário perdido – voltou a descer, refez o caminho até ao cruzamento onde tinham repousado e, apesar do vai e vem constante naquele local, encontrou o saco debaixo do candeeiro.

«Tão maravilhosamente intacto como a Madona» concluiu ele, triunfantemente.

Só de se lembrar do susto da véspera, Ingrid chora lágrimas de sangue.